



ESTADUAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS IV – CATOLÉ DO ROCHA

DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ANDRESA WRIELLY FILGUEIRAS DUTRA

SARNAU: a condição de submissão feminina em “Balada de Amor ao Vento”

CATOLÉ DO ROCHA

2014

ANDRESA WRIELLY FILGUEIRAS DUTRA

SARNAU: a condição de submissão feminina em “Balada de Amor ao Vento”

Trabalho apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. M.Sc. Doralice de Freitas Fernandes

CATOLÉ DO ROCHA

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

D978s

Dutra, Andresa Wrielly Filgueiras.

Sarnau [manuscrito] : a condição de submissão feminina em
"Balada de Amor ao Vento" / Andresa Wrielly Filgueiras Dutra. -
2014.

22 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Doralice de Freitas Fernandes,
Departamento de Letras e Humanidades".

Título.
1. Condição Feminina. 2. Balada de Amor ao Vento. 3. Sarnau. I.

21. ed. CDD 305.4

ANDRESA WRIELLY FILGUEIRAS DUTRA

SARNAU: a condição de submissão feminina em "Balada de Amor ao Vento"

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. M.sc. Doralice de Freitas Fernandes

Aprovado em: 27/11/2014.

BANCA EXAMINADORA

Doralice de Freitas Fernandes

Profa. M.sc. Doralice de Freitas Fernandes (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Vaneide Lima Silva

Profa. Dra. Vaneide Lima Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Profa. M.sc. Maria Fernandes de Andrade Praxedes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico de coração este trabalho aos meus pais e aos meus irmãos que são as flores do meu mundo e a minha avó, Francisca Fernandes Filgueiras (*in memoriam*), pela presença espiritual em meio a ausência física.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a *Deus*, por me amar tanto e por fazer disso algo possível.

Aos meus pais, *Genilson Dutra de Sousa* e *Joseni Filgueiras Dutra*, pelo amor e apoio desmedido, por suportarem minhas loucuras diárias e por segurarem minha mão nos momentos difíceis da vida.

Aos meus irmãos, *Alexson Filgueiras Dutra* e *Wellison Filgueiras Dutra*, pela proteção e cuidados constantes e por toda inspiração e estímulo.

As minhas cunhadas, *Alcileny Sousa* e *Kamila Maia*, pela amizade e apoio e principalmente por fazerem meus irmãos felizes.

À Profa. Msc. *Doralice de Freitas Fernandes*, pelas orientações deste trabalho, pela paciência e apoio e, especialmente, por lecionar com tanto encanto e paixão.

Aos professores que compõe o corpo docente do curso de Letras do Campus IV-UEPB, que contribuíram para a minha formação tanto acadêmica quanto de vida.

Ao *Irmão Neto*, pelo carinho e atenção com que sempre me acolheu.

Aos colegas de curso, em especial a, *Ravena, Gesiana, Poliana, Eirilândia, Mízia, Flaviana* e *Sarah*, pela amizade devotada e por fazerem a diferença nessa jornada.

Aos colegas do ônibus, por tornarem as viagens diárias mais divertidas e a *Erinaldo*, pela responsabilidade e cuidado com que se dispunha na direção.

À minha amiga e psicóloga, *Soraya Nunes*, pelo carinho e confiança, por tentar entender meu mundo e meus medos e por fazer-me uma sobrevivente sonhadora.

À *Kadygyda Lamara*, por despertar-me para o mundo da leitura, pela paixão com que exerce a docência e por inspirar-me a ser uma pessoa melhor.

À minha mãe de coração, *Irmã Maria*, por acolher-me sempre com amor e pelas orações diárias.

À *Daiana Targino* e *Jéssica Pereira*, pela amizade, carinho, amor e respeito, por se fazerem presentes em tantos momentos marcantes da minha vida e por incitarem e apoiarem minha loucura pelos livros.

Aos primos e amigos, em especial a, *Adeilson Dutra, Marcelo Júnior, Anderson Dutra, Karen Hamine, Andressa Oliveira, Kevin Mateus, Kalídia Pires Kaique Linhares* e *Júnior Carlos*, por fazerem do meu mundo um lugar melhor e menos solitário e por encherem-me de amor e poesia.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

SARNAU: a condição de submissão feminina em “Balada de Amor ao Vento”

RESUMO

A condição feminina é uma das perspectivas que materializou a escrita literária de Paulina Chiziane no que corresponde ao seu projeto de construção da modernidade com base na tradição moçambicana. A obra *Balada de Amor ao Vento*, que conta a história de amor entre Sarnau e Mwando desde a juventude até a maturidade, foca a temática da condição de submissão da mulher em Moçambique, a qual possibilita a discussão de outros temas direcionados para o universo feminino no país, como por exemplo a poligamia, a monogamia, as crenças tradicionais e o catolicismo, no que se refere às relações culturais e sociais que se apresentam divididas entre a tradição e a modernidade. Temos como objetivo desenvolver uma análise sobre a condição de submissão feminina no romance *Balada de Amor ao Vento* (2003) da escritora Paulina Chiziane por meio do discurso da narradora, Sarnau. Paulina Chiziane desenvolve nessa obra um enredo comandado em primeira pessoa pela personagem Sarnau que organizará a narração em ciclos possibilitando uma visão do universo feminino em Moçambique, no qual as mulheres são oprimidas e submissas, no entanto, o que se percebe é que a personagem oscila de postura durante a narrativa, ou seja, em momentos é submissa e em outros momentos não. A história amorosa entre Sarnau e Mwando representa as tensões culturais, religiosas e políticas da sociedade moçambicana, à medida que permite uma leitura reflexiva da condição e do papel da mulher que estão ligados à estrutura social e cultural de um país patriarcal e que ainda reflete as consequências da colonização. Ainda é cabível afirmar que a escritora torna possível, por meio da literatura, o surgimento de pensamentos reflexivos em torno da condição feminina no país moçambicano. O suporte teórico deste trabalho baseia-se na pesquisa bibliográfica de estudiosos como Gilberto Matusse (2010), Simone Beauvoir (1980), Inocência Mata (2000), Lília Momplé (1999), entre outros.

Palavras-chave: Condição Feminina. Balada de Amor ao Vento. Sarnau.

Introdução

A literatura africana escrita por mulheres é no mínimo instigante, pois, lendo as obras das mulheres africanas, percebemos o resgate da tradição oral que se faz presente na modernidade. No caso da escritora Paulina Chiziane, esse resgate da tradição ajuda a autora a evidenciar na sua narrativa a questão da condição feminina em Moçambique.

O objetivo de nosso trabalho é desenvolver uma análise sobre a condição de submissão feminina no romance *Balada de Amor ao Vento* (2003) da escritora Paulina Chiziane, por meio do discurso da narradora, Sarnau, que se dispõe a contar sua história de amor com Mwando, problematizando no decorrer de sua

narrativa questões culturais e políticas conflitantes entre a tradição e a modernidade através da representação da condição da mulher no país moçambicano.

Este trabalho trata do estudo da condição de submissão feminina em *Balada de Amor ao Vento* (2003), em que o relacionamento amoroso é colocado em discussão pela narradora, Sarnau, devido à tensão entre os modelos matrimoniais poligâmicos e monogâmicos que levam as mulheres a refletirem sobre suas condições no país, e dividi-se basicamente em duas etapas, a primeira, na qual faremos algumas considerações acerca de aspetos da sociedade moçambicana com relação à mulher e a segunda, na qual apresentaremos a análise da condição feminina no romance *Balada de amor ao Vento*.

Na medida em que Sarnau narra sua história de amor com Mwando, ela vai dando visibilidade aos conflitos que se relacionam com a condição de submissão da mulher em Moçambique, permitindo assim, observarmos uma visão sobre o universo feminino moçambicano.

O trabalho pode contribuir para estudos literários, visto que consiste em um estudo um pouco mais aprofundado sobre a condição feminina em Moçambique através do romance que inaugurou a produção literária feminina no país.

Alguns aspectos que constituem a sociedade moçambicana em relação à mulher

Moçambique possui uma superfície de aproximadamente 802.000 km², com população estimada em cerca de mais de 26 milhões de habitantes. O país apresenta quatro grandes etnias: os tongas, os carangas, os nhanjas e os macuas. Com relação à religião, cerca de 40% da população seguem o cristianismo, 42% seguem as religiões tradicionais e 18% seguem a religião mulçumana.¹

No que diz respeito aos costumes do povo moçambicano, é de grado salientar que algumas particularidades culturais instituem valores e condutas muito diferentes, como observa Zucula (1992, p. 203):

As comunidades matrilineares [...] respeitam a decisão da linhagem feminina, enquanto que em áreas como Gaza e Maputo, o homem continua a ser o único a decidir. A educação das raparigas é mais ritualizada e rigorosa nos grupos de características matrilineares do que nos grupos de feição patrilinear. O papel social que é esperado da

¹ Esses dados foram obtidos em IBGE. **Censo Demográfico 2014**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php?fips=MZ>. Acesso em: Novembro de 2014.

mulher, dos grupos matrilineares, dá-lhe mais estabilidade social.

Com isso, podemos observar que Moçambique possui costumes locais diversos e que se diferenciam de uma comunidade para outra, ou seja, umas adotam características mais matriarcais, nas quais a mulher é a base da família e exerce na tribo autoridade preponderante, enquanto outras seguem os princípios patriarcais, nos quais o homem é autoridade máxima

Tratando-se da literatura em Moçambique, o estudioso Pires Laranjeira (1995) afirma que a literatura é definida em cinco períodos diferentes. O autor ainda vem dizer que o primeiro e o segundo período são denominados de preparação, o terceiro período é chamado de formação, o quarto período de desenvolvimento e, por fim, o quinto período de consolidação. Ainda vale salientar que a literatura africana está em crescimento e conquistando cada vez mais espaço na medida em que o negro é representado fora desse estereótipo cercado de negatividade e preconceito de raça e cor visivelmente aplaudido nos tempos da colonização. A respeito disso, Gilberto Matusse (2010) afirma que “é o aparecimento do homem negro com um estatuto de maioria emotiva, psicológica e social que irá definir o nascimento da literatura moçambicana”.

Uma das escritoras mais expressivas no que diz respeito à abordagem da história e dos costumes desse país que ainda é pouco explorado pelo pensamento crítico literário é Paulina Chiziane. Estabelecer contato com suas obras é ter a chance de conhecer uma cultura multifacetada de uma nação que esteve sob domínio dos colonizadores portugueses até 1975 e que agrega valores díspares como, por exemplo, a questão da poligamia e da monogamia, as situações econômicas e políticas sempre beirando a guerra e a penúria e também uma pluralidade linguística bastante ampla.

Paulina Chiziane é considerada a primeira mulher moçambicana a escrever um romance, estreando na literatura com a obra *Balada de Amor ao Vento* publicada pela primeira vez em 1990 pela União dos Escritores Moçambicanos e sendo republicada em 2003 pela Editora Caminho. Além desse primeiro romance, a autora também publicou outras obras como, por exemplo, *Niketche: uma história de poligamia* (2000) e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008).

Embora seja identificada como romancista, Paulina Chiziane nunca tomou para si esse título identitário desse gênero literário, considerando-se apenas como

uma contadora de estórias, como ela mesma afirma em entrevista à Revista Literária Moçambicana:

Não sou romancista, sou apenas contadora de estórias. Estórias longas e curtas, [...] gosto de dizer que a minha literatura é isso: contar histórias. Aquilo que outras mulheres fazem dançando e cantando, eu faço escrevendo, como as velhas que através da via oral continuam a contar histórias à volta da fogueira. Eu apenas trago a escrita, de resto não sou diferente das mulheres da minha terra, das mulheres do campo”.²

Um destaque importante sobre a autora é o seu engajamento no que tange a condição social da mulher no país, tanto que esse é um dos temas recorrentes em suas obras. Portanto, de certo modo, podemos dizer que Paulina Chiziane desafiou e ainda desafia as relutâncias e as críticas culturais e sociais, tanto do seu país, Moçambique, quanto do continente Africano.

Um dos fatores de maior relevância em Moçambique é a migração para a cidade, de modo que isso evidencia a importância da mulher como principal fonte de sustento e amparo familiar. Uma vez que a quantidade de homens que fazem essa migração com o intuito de encontrar condições melhores de vida é muito maior que a quantidade de mulheres que fazem o mesmo, cabem as mulheres que ficam residindo nas zonas rurais a responsabilidade de garantir a sobrevivência da família. Porém, atualmente elevou-se a quantidade de mulheres, em especial as viúvas, divorciadas e solteiras, que almejam na cidade alcançar novos projetos de vida, sendo a capital moçambicana um dos pólos de concentração operária. No entanto, a falta de escolaridade dificulta o acesso ao mercado de trabalho tão disputado e gera um aumento da prostituição no país.

Embora seja um dos motivos que levaram a mulher moçambicana a ser oprimida no país, a prática tradicional do lobolo, que consiste em uma espécie de dote pago pela família do homem à família da mulher que o homem pretende casar-se, ainda é exercida no país. Durante muito tempo o lobolo foi visto, principalmente no setor rural, como um dos principais meios de melhoria e aumento das condições econômicas das famílias. Como essa prática dispunha da mulher como um “bem” concedido do pai para o marido, por meio dela, então, era renunciado à mulher o direito de decisão e controle de sua própria vida. Atualmente espera-se que o lobolo

² CHIZIANE, Paulina. “Ser escritora é uma ousadia!!!”. Entrevista ao *Maderazinco*. Disponível em: <http://www.maderazinco.tropical.co.mz>. Acesso em: Maio de 2014.

torne-se apenas uma prática tradicional memorável e simbólica, pois para que isso ocorra é necessário que a mulher deixe de ser vista e tratada como uma propriedade de contrato de casamento e passe a ter o direito de decidir sua vida.

Caminhando junto à prática do lobolo, podemos dizer que outro fator de relevância a opressão da mulher é a questão da religião, como destaca Chiziane (1992, p.12):

Nas religiões bantu [...] a mulher, mãe da vida e força da produção da riqueza, é amaldiçoada. Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob a forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infractoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas.

As mulheres moçambicanas, apesar de serem responsáveis pela educação dos filhos, pela saúde e o planejamento da família, pela produção do alimento e ainda trabalhando muitas vezes em causas extremas como as situações de doenças endêmicas, calamidade pública e conflitos armados, ainda sofrem com o pouco reconhecimento legal de sua cidadania.

Buscando reverter esse quadro, alguns órgãos moçambicanos como a Organização da Mulher Moçambicana (OMM), instituída pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), o Conselho Cristão de Moçambique (CCM), o Projeto Mulheres em Desenvolvimento (PMD) e a Conferência das Religiões Moçambicanas (CONFEREMO) e ainda associações como a MULEIDE (Associação Mulher, Lei e Desenvolvimento) e a ADOCA (Associação das Donas de Casa), estão envolvidos em projetos que visão estabelecer melhorias legais nas condições de cidadania da mulher moçambicana.

Análise da condição de submissão feminina em “Balada de Amor ao Vento”

A obra *Balada de Amor ao Vento* (2003) é um romance de escrita feminina que revela em seu discurso poético os conflitos vivenciados por uma personagem que se encontra dividida entre a tradição cultural e a modernidade em seu país, Moçambique. Ele traz a tona o embate pós colonial entre os valores culturais moçambicanos e os valores ocidentais que são o reflexo da colonização. Esse conflito de valores resulta no redirecionamento da organização familiar em Moçambique, principalmente no que se refere ao papel da mulher no país.

O romance gira em torno da estória de amor entre Sarnau e Mwando, esta marcada por encontros e desencontros, desperta a memória da personagem principal e também narradora, Sarnau, a qual faz uma retomada de sua agitada trajetória permeada de tantas tristezas e alegrias. O casamento poligâmico com Nguila, o futuro rei da tribo dos Zucula, a traição ao marido com um homem amado desde a adolescência, a saída da aldeia e a luta pela sobrevivência em meio a Mafalala (bairro pobre de Moçambique), formam uma corrente de acontecimentos que possibilitou o questionamento das convenções sociais que englobam os papéis das mulheres no âmbito familiar moçambicano.

Como podemos perceber, *Balada de Amor ao Vento* é uma estória amorosa narrada em primeira pessoa pela personagem Sarnau, mulher moçambicana, que tem o destino traçado pelos caminhos do amor.

Observamos que Mwando e Nguila são homens completamente diferentes e vão dar ritmo à narrativa de Sarnau. Por assim dizer, Mwando simboliza o amor incondicional, o amor verdadeiro, movido pelo desejo da protagonista e Nguila simboliza não um amor, mas a convenção social, a qual possibilita que a narradora mostre as dificuldades que as mulheres passam diante de uma sociedade patriarcal e que aceita a prática poligâmica. Como a narração é em primeira pessoa e conduzida por Sarnau, podemos afirmar que os fatos narrados sempre são observados por um único ponto de vista, o que torna possível o surgimento de questionamentos, já que as vozes dos personagens vão manter certa harmonia com a narração de Sarnau. Desilusão amorosa, casamento polígamo, adultério, catolicismo, crenças tradicionais, violência contra a mulher, são alguns dos temas que Sarnau discute durante toda sua narrativa.

Por ser uma questão muito problemática em Moçambique, a condição de submissão da mulher se torna um tema muito recorrente na produção literária, pois como diz Lília Momplé (1999, p.31) desde a época da colonização a mulher moçambicana sempre foi a responsável por repassar às gerações os valores culturais, tradicionais e de rituais como os ritos de iniciação; o respeito e veneração pelos mais velhos. Na obra, podemos observar esse fato no momento em que as mulheres mais velhas da família preparam Sarnau para o casamento com Nguila, repassando os costumes matrimoniais da tribo através de conselhos, como é possível percebermos nos fragmentos que se seguem:

As minhas mães, tias, avós, fecharam-me há uma semana nesta palhota tão quente e dizem que me preparam para o

matrimônio. Falam do amor com os olhos embaciados, falam da vida com os corações dilacerados, falam do homem pelas chagas desferidas no corpo e na alma durante séculos [...] (CHIZIANE, 2003, p.44).

[...] Sarnau, o homem é o Deus na terra, teu marido, teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil, sua mãe, sua rainha. [...] Se ele trouxer uma amante só para conversar, recebe-o com um sorriso, prepara a cama para que os dois durmam, aqueça a água com que se irão estimular depois do repouso, o homem, Sarnau, não foi feito para uma só mulher (CHIZIANE, 2003, p.43).

Observamos ainda nesses trechos, como a mulher é submissa ao homem, devendo-lhe obediência e reverência “o homem é o Deus na terra [...] e tu serás a serva obediente, escrava dócil [...]” (CHIZIANE, 2003, p.43). A mulher é forçada a aceitar as relações que o marido estabelece com outras mulheres, e tem como obrigação agradá-lo, preparando o recinto para que deleite-se com a amante “Se ele trouxer uma amante só para conversar, recebe-o com um sorriso, prepara a cama para que os dois durmam [...]” (CHIZIANE, 2003, p.43).

Podemos dizer que a poligamia é uma das abordagens que levam a literatura de Paulina Chiziane a uma discussão acerca da situação e condição de submissão da mulher, pois, não só no romance *Balada de Amor ao Vento* que nos detivemos como objeto de análise para a realização deste trabalho, como também em algumas de suas outras obras podem ser encontrados questionamentos e reflexões críticas vindas de suas personagens femininas sobre a prática poligâmica e, conseqüentemente, a submissão feminina.

Notamos que a poligamia é um tema que se faz presente durante todo o romance. A autora mostra nessa obra, através da narração de Sarnau, as dificuldades que as mulheres enfrentam diante de uma sociedade regida pelos preceitos patriarcais e revela a insatisfação perante o sistema matrimonial moçambicano que permite o homem ser poligâmico.

Conselhos loucos me furam os tímpanos e interrompem os meus sonhos, Sarnau, ama teu homem com todo o coração. A partir do momento em que te casar pertences a um só rei até o fim dos teus dias. As atitudes dos homens, os seus caprichos são mais inofensivos do que os efeitos das ondas no mar calmo. Não liguês importância às amantes que tem; respeita as concubinas do teu senhor, elas serão tuas irmãs mais novas e todas se unirão à volta do mesmo amor. Sarnau, ama teu homem com todo o coração. [...] Sarnau, fecha a tua boca, esconde o teu sofrimento quando o homem dormir com tua irmã mais nova mesmo na tua

presença, fecha os olhos e não choro porque o homem não foi feito para uma só mulher (CHIZIANE, 2003, p.43-44).

Nesse trecho encontramos os conselhos das mulheres mais velhas da casa de Sarnau, que estão a prepará-la para o casamento com o futuro rei dos Zucula, Nguila. Percebemos nessa passagem um papel distinto da mulher, o de transmissora dos costumes da tribo. As mulheres mais velhas ensinam a Sarnau como se comportar devidamente diante das situações matrimoniais. Ainda podemos afirmar que há um discurso transgressor que coloca em pauta questionamentos de determinados aspectos do sistema social moçambicano como, por exemplo, a mulher como objeto e propriedade única do marido, a aceitação por parte da mulher em relação aos caprichos do homem, o respeito ao matrimônio poligâmico e seus benefícios para com o homem de formar várias famílias.

Nesse sentido, a autora Inocência Mata (2000) afirma que Paulina Chiziane evidencia em sua narrativa a tematização de aspectos e signos socioculturais que contemplam uma visão opressiva e desvalorizada quanto ao papel e lugar da mulher na sociedade moçambicana. Os signos apresentam-se desde as dificuldades e proibições a valores que condicionam as virtudes das mulheres, o lobolo configura-se como signo da condição de exuberância da mulher, as limitações da poligamia, a obrigação da mulher de submeter-se ao homem, o descontentamento mediante o adultério cometido pela mulher, e o vazio diante das obrigações do cotidiano.

O fragmento a seguir mostra que é chegado o dia do casamento de Sarnau com Nguila, e a mãe de Sarnau a cerca com seus conselhos. Podemos perceber como os costumes patriarcais moçambicanos tornam problemática a condição da mulher. Observamos os termos que a narradora dirigiu-se ao homem “Deus na terra”, “teu soberano” e notamos que no matrimônio o homem exerce totalmente o poder sobre a mulher, a esposa. Já a mulher, “serva obediente” e “escrava dócil”, logo, não tem nenhuma força de poder nessa relação.

Vozes de pilões abafam o cantar dos pássaros; é o grito do milho no último suspiro; é o gargalhar do estômago saudando a refeição que se aproxima, Sarnau, o homem é o Deus na terra, teu marido, teu soberano, teu senhor, e tu serás a serva obediente, escrava dócil, sua mãe, sua rainha (CHIZIANE, 2003, p. 43).

O romance entre Sarnau e Mwando, como apresentamos, se torna o tema pelo qual se discutirá as convenções sociais e culturais moçambicanas. É possível observarmos no fragmento a seguir, no qual Sarnau revela a Mwando que está

grávida e que desejou o filho, porém exigi-lhe uma explicação após ele afirmar que irá partir para longe, que o romance entre os dois também é a mola propulsora para Sarnau lançar seus questionamentos sobre sua condição de mulher, pois estando grávida e em um estado mais sensível de sua vida, sua visão de mundo mudará e a fará desenvolver em sua narrativa um jogo entre a razão e a emoção:

- Por que andas com tantos rodeios e não dizes logo o que se passa?
- Está bem, eu digo. Não vou partir para lado nenhum. Vou casar-me brevemente com uma rapariga que meus pais escolheram para mim.
- Mas isso não é problema – disse entre lágrimas.
- Eu aceito ser a segunda mulher, ou terceira, como quiseres. Se tivesses dez mulheres eu seria a décima primeira. Mesmo que tivesses cem, eu seria a centésima primeira. O que eu quero é estar ao teu lado.
- Sarnau, o teu desejo não pode ser realizado. Nunca serás minha mulher, nem segunda, nem terceira, nem centésima primeira. Eu sou cristão e não aceito a poligamia (CHIZIANE, 2003, p.28-29).

Dessa forma, o surgimento da problematização dos valores sociais, ou seja, Sarnau, diante da decisão de Mwando, começa a questionar as crenças tradicionais, o cristianismo, a poligamia, a monogamia, o amor, sempre transitando entre a razão e a emoção. Nesse sentido, a razão é marcada pela posição crítica adotada por Sarnau diante do que envolve as dificuldades das mulheres e a emoção, marcada pelo romantismo da linguagem de Sarnau. Sendo assim, a maternidade será um tema que cruza essa discussão, a esse respeito, Beauvoir (1980, p. 248) observa:

É pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação natural, porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie. Mas já se disse que a sociedade humana nunca é abandonada à natureza. E, particularmente, há um século, mais ou menos, a função reprodutora não é mais comandada pelo simples acaso biológico: é controlada pela vontade.

Logo, Sarnau alimenta sua situação de comando quando decide engravidar do homem amado. Essa gravidez de Sarnau simbolicamente é forte, pois através dela surgem outras discussões como, por exemplo, a crítica religiosa em torno do catolicismo e das crenças tradicionais; e a crítica política e social, envolvendo a poligamia e a monogamia, além da questão da transgressão feminina que, nesse caso, engloba a situação da mulher casada em contrapartida de mãe solteira.

Ainda com base no fragmento anterior do romance notamos as marcas da representação conflitante da distinção social, pois se observarmos bem, é possível

percebermos que Mwando representa o moçambicano aculturado, segue o catolicismo, abomina a prática poligâmica e deseja formar uma família de acordo com os moldes do colonizador. Já Sarnau, representa os costumes tradicionais moçambicanos, segue as crenças tradicionais, aceita a prática poligâmica e a formação de uma família de acordo com as normas do sistema tribal moçambicano, que coloca a mulher como sujeito submisso ao homem.

Como já ressaltamos anteriormente, Mwando representa o moçambicano aculturado, pois segue os preceitos religiosos da igreja católica, abomina a poligamia e tem um refinamento cultural que não se encontra nos outros homens da tribo, como podemos observar nos trechos abaixo:

Bonito não era, comparado com o Khelu, esse zaragateiro, namorado, sempre pronto a provocar qualquer escaramuça e esmurrar toda a gente. O Mwando é um rapaz diferente, fala bem, conversa bem e tem cá umas maneiras! [...]

- Sarnau, o teu desejo não pode ser realizado. Nunca serás minha mulher, nem segunda, nem terceira, nem centésima primeira. Eu sou cristão e não aceito a poligamia (CHIZIANE, 2003, p. 15,29).

Essas características são o motivo pelo qual Sarnau vai passar pela condição de mulher solteira, de amante e abandonada, de lobilada, de casada, de rainha, de adúltera e de fugitiva. Essas vivências são frutos do amor de Sarnau por Mwando, amor esse que percorre por toda a sua narrativa e a conduz a questionar e refletir sobre o papel e a condição das mulheres na sociedade moçambicana. Ao passo que faz isso, Sarnau também revela a problemática da modernidade por meio da tradição e, assim, vice versa. Referindo-se a esse conflito entre a tradição e a modernidade, Bhabha (1998, p. 20-21) diz que:

Os termos de embate cultural, seja através de antagonismos ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como um reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscrito na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reescrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas dos que estão na “minoria”.

Nesse sentido, podemos afirmar que o choque cultural entre a tradição e a modernidade atinge os indivíduos que vivem nesse embate entre seguir os preceitos tradicionais ou transgredi-los, criando uma nova forma de seguir a vida conforme seus critérios.

Nesse sentido, os fatos e conflitos que ocorrem no romance são resultados do amor que Sarnau sente por Mwando, o qual a faz passar por diversas situações como abandono, solidão, casamento sem amor, e miséria. Sendo assim, o amor é um tema que influencia tanto nas ações das mulheres quanto também nas dos homens, visto que:

Em certos momentos de sua existência, alguns homens puderam ser amantes apaixonados, mas nenhum há que se possa definir como um grande apaixonado; nunca abdicam totalmente, mesmo em seus mais violentos transportes; ainda que caiam de joelhos diante de sua amante, o que desejam afinal é possuí-la, anexá-la; permanecem no coração de sua vida como sujeitos soberanos; a mulher amada não passa de um valor entre outros; querem integrá-la em sua existência, e não afundar nela uma existência inteira. Para mulher, ao contrário, o amor é uma demissão total em proveito de um senhor (BEAUVOIR, 1980, p.411).

Trazendo essa colocação de Simone de Beauvoir para a experiência de Sarnau, podemos dizer que Sarnau narra sua estória assumindo o papel de mulher amorosa, que se entrega totalmente ao amor de forma que expressa em seu discurso uma linguagem que mostra como o amado é importante para a sua existência.

Durante a narrativa, os sistemas sociais moçambicanos são questionados por Sarnau, que confronta a tradição diante de seus sentimentos e desejos que a fazem passar por situações difíceis como o abandono pelo amado, o casamento poligâmico, a traição ao marido, a fuga e a sobrevivência na Mafalala.

Além de lançar uma crítica ao sistema matrimonial e patriarcal de sua tribo, na qual o homem é soberano e tem o direito de viver com várias mulheres, e a elas cabe apenas à obediência, o respeito e a fidelidade a este homem, Sarnau também se questiona diante desse sistema. “Mas que culpa tenho eu de tudo isto? O destino é cruel para comigo, mas não fui eu quem inventou o amor e a poligamia.” (CHIZIANE, 2003, p.88).

Nessa passagem do romance, Sarnau está grávida, resultado da traição ao marido, o rei da tribo dos Zucula, com Mwando, seu amor da adolescência. Percebemos que Sarnau se vê confusa e dividida diante da situação pela qual está

passando, pois, segundo o costume de sua tribo, o ato do adultério é considerado proibido às mulheres, mesmo que o marido não esteja cumprindo com todas as suas obrigações matrimoniais. Sendo assim, Sarnau vai questionar a quem caberia a responsabilidade pela situação que está vivenciando, chegando a concluir que “o destino é cruel” e que ela não tem culpa pelo que está acontecendo, pois não foi a criadora nem do amor, nem da poligamia.

No trecho do romance que segue abaixo, é possível notarmos a narração de um conflito, a condição de esposa e de amante da personagem Sarnau:

Não me reconheço. Jurei perante os deuses e defuntos que nunca cometeria o adultério. Mas qual mal há nisso? Todas as mulheres do meu marido fazem o mesmo. [...] A situação é que nos obriga a cometer o adultério. Mas, cometo o adultério, eu? Não me insultes, consciência, por favor não me insultes. Acaso não conheces o meu sofrimento, o meu dilema? [...] Nada sabes da minha angústia e ansiedade eterna por uma noite de amor que nunca chega? [...] Ainda continuas a chamar-me adúltera? As adúlteras procuram o prazer e eu procuro a vida. Cometem adultério aquelas que têm maridos e eu tenho apenas um símbolo. Não sou viúva, não tive nenhum aborto nem filho morto, não estou na minha fase da lua, não tenho no sexo nenhuma doença vergonhosa, o meu marido não é impotente e nem está ausente, vejo-o todos os dias, desejo-o todos os dias, mas ele vira-me as costas, tortura-me; consciência, ainda me acusas? Entreguei-me de corpo e alma a outro homem, eu amo-o, ele ama-me, amamo-nos, eu quero viver, ele é meu sol, meu pão, meu paraíso, ah, terrível dilema! (CHIZIANE, 2003, p.84-85).

Sarnau está ligada à tradição e aos costumes da tribo dos Zuculas, porém rompe essa ligação quando questiona determinados costumes sociais do país, que determina a fidelidade das esposas, no entanto, a condição de amante a deixa em uma situação que permite alimentar ainda mais seu desejo por Mwando, enquanto que na situação de esposa a leva a entender que o casamento poligâmico favorece unicamente os desejos dos homens, desfavorecendo totalmente os das mulheres.

O fato de destaque no fragmento supracitado é o adultério cometido por Sarnau. A frase “Não me reconheço. Jurei perante os deuses e defuntos que nunca cometeria o adultério.” (CHIZIANE, 2003, p.84) indica a quebra do contrato, feito por Sarnau, tanto com o divino quanto com o social, levando-a a questionar sua postura “Mas que mal há nisso?” (CHIZIANE, 2003, p.84).

Um aspecto interessante para ser ressaltado é que mesmo com a aculturação da sociedade moçambicana, que permitia tanto o casamento poligâmico quanto o monogâmico, em algumas tribos, o ato do adultério era considerado

proibido para as mulheres, mesmo que o motivo de tal atitude fosse à ausência viril do marido, como é o caso de Sarnau “A situação é que nos obriga a cometer o adultério.” (CHIZIANE, 2003, p.84). Cabe salientar que aqui definimos aculturação como a adaptação de um grupo ou de um indivíduo à uma nova cultura que o rodeia, no caso do romance, a adaptação de um grupo moçambicano a cultura dos colonizadores

Dessa forma, foi possível notarmos que Sarnau não vem criticar precisamente a poligamia, mas sim, afirmar que a causa do problema é o descumprimento dos deveres sexuais do marido. “meu marido não é impotente e nem está ausente, vejo-o todos os dias, [...], mas ele vira-me as costas.” (CHIZIANE, 2003, p.84), o que a faz reaver o amor e desejo por Mwando. O que ainda é notório são os sentimentos expressos no decorrer do discurso de Sarnau, desamor, solidão, sofrimento, ansiedade, que em face da sua condição de esposa propriamente de um sistema e não de um homem, vivem a atormentá-la.

Podemos afirmar que na narração de Sarnau há uma dupla função da condição feminina, ou seja, como tema, possibilitando uma narrativa impregnada por um discurso político, no qual as vozes femininas estão dispostas a trocas de experiências coletivas e individuais; e como problema enfrentado pela personagem, que mostra as muitas realidades distintas reveladas no discurso de Sarnau.

De acordo com Rosário (2010) umas das abordagens da narrativa de Sarnau é a problemática do matrimônio tradicional e seu desagrado para com as normas sociais e culturais que se via obrigada a viver e cumprir.

No fragmento que se segue, Sarnau descreve o perfil de mulher que foi escolhida para casar com o herdeiro do trono de Mambone:

Com certeza devem estar a imaginar-me tão bonita para ser esposa do futuro rei, com uma daquelas belezas que pululam por esta Mafalala de onde vos conto esta história. Devem julgar-me mulher de mãos suaves, rosto clarinho, cabelo desfrisado com vaselina e lábios vermelhos borradíssimos de bâteon. Digo-vos, porém, que cada mundo tem sua beleza.[...] No campo é mais belo o rosto queimado de sol. São belas as pernas fortes e musculosas, os calcanhares rachados que galgam quilômetros para que em casa nunca falte água, nem milho, nem lume. São mais belas as mãos calosas, os corpos que lutam ao lado do sol, do vento e da chuva para fazer da natureza o milagre de parir a felicidade e a fortuna (CHIZIANE, 2003, p.40-41).

Nesse sentido, notamos a crítica ao padrão de beleza feminino que se distancia da realidade de beleza das mulheres da tribo de Mambone, sendo que não

são consideradas bonitas aquelas mulheres de cor clara e que nutre certa vaidade com o cabelo, e sim aquelas que têm seu padrão de beleza voltado para a realidade da aldeia. Em meio a isso é possível observarmos que Sarnau não nega as marcas sociais e étnicas evidenciadas em seu discurso, destacando as características das mulheres no meio social em que vive.

Há uma alternância na postura de Sarnau em relação às regras da tribo em que vive, pois vemos que em dado momento ela segue os preceitos de sua comunidade quando, por exemplo, aceita casar com o futuro rei dos Zucula e assim vivenciar uma relação poligâmica, e em outro momento transgredindo essas regras quando trai o rei com seu amor de adolescência, Mwando.

Outra situação que mostra essa transgressão é quando Sarnau resolve abrir mão de tudo para fugir com Mwando, deixando para trás até seus filhos. Porém, após a fuga é abandonada por ele, estando grávida e sozinha a opção é arriscar a sobrevivência na Mafalala. Após anos distante, Mwando retorna a Moçambique em busca de Sarnau, que depois de tanto tempo não nutre por ele o mesmo amor de antes, no entanto, o aceita novamente em sua vida.

No excerto que se segue, temos a passagem em que Sarnau cede e acaba aceitando Mwando de volta em sua vida após muito tempo distante um do outro:

Venceu-me. Atacou-me com a arma que extermina todas as fêmeas do mundo. Colocou-se ao lado dos filhos, fez a guerra e venceu. Viverá comigo. [...] Embora vencida, ainda me resta o orgulho, mas orgulho de quê? O orgulho cega-me, preciso de ser feliz, estou vencida e perdida (CHIZIANE, 2003, p.149).

Nesse sentido, embora Sarnau em alguns momentos da narrativa tenha se mantido distante das ideologias que carregavam as marcas da submissão feminina, quando aceita Mwando novamente e cede um lugar para ele tanto em sua cabana quanto em sua vida, contudo sem amá-lo como antes, pois o amor foi se desgastando com o passar do tempo, nos permite observar que Sarnau adota uma postura submissa, aceita a situação porque “as crianças precisam de um pai” (CHIZIANE, 2003, p. 149).

Um ponto que deve ser destacado é que a narrativa do romance vai evidenciar aspectos ligados ao universo da mulher moçambicana no intuito de mostrar a insatisfação feminina perante o sistema patriarcal que a coloca na posição de cidadã de segunda classe em Moçambique. Nesse sentido, Paulina Chiziane

começa a desenvolver uma consciência feminina no país por meio de sua obra literária.

Considerações finais

A análise possibilitou percebermos que o tema da condição de submissão feminina é recorrente em toda a obra *Balada de Amor ao Vento* de Paulina Chiziane. E por assim observar, podemos dizer que a condição de submissão feminina tanto é um tema como um problema enfrentado por Sarnau, a narradora do romance. É tema, pois impulsiona a narração do universo feminino em Moçambique, e um problema porque possibilita na narrativa discussões de outros temas que tornam o desenvolvimento da estória da personagem um pouco conflitante.

Notamos um aspecto que foi percorrido em toda a obra, a discussão de temas que deixam claro o conflito dos papéis sociais femininos em Moçambique que acabam refletindo na condição submissa da mulher no país como, por exemplo, o catolicismo e as crenças tradicionais (tribais); a prática poligâmica e a prática monogâmica que ligados as práticas e costumes do colonizador desorganizam o sistema machista e patriarcal do país.

Tendo em vista esses conflitos existentes no universo moçambicano, podemos dizer que a história de amor entre Sarnau e Mwando representa uma reaproximação entre o feminino e o masculino, no sentido de evidenciar uma possível aculturação tanto dos valores culturais, religiosos e sociais das tribos do país, já que o amor vivenciado pelos personagens citados superam as barreiras da proibição, do preconceito, da punição e das diferenças religiosas e culturais que se fizeram incompatíveis com o desejo e a necessidade de amar.

No que se refere à reconciliação dos personagens Mwando e Sarnau, é possível afirmarmos que indica uma atenuação dos conflitos existentes entre colonizador e colonizado, entre o catolicismo e as crenças tradicionais, entre a monogamia e a poligamia, entre o amor e o ódio no meio social aculturado, porém, essa reconciliação representa principalmente uma visão sobre as convenções sociais patriarcais do país, pois, apesar de se distanciar, em determinados momentos, das ideologias sociais marcadas pela submissão da mulher, quando Sarnau acaba cedendo e aceitando novamente Mwando em sua vida, no entanto, sem amá-lo como antes amava, fica evidente que essa situação mostra a postura submissa da personagem feminina.

Baseando-se em Mata (2000, p.324) ainda podemos afirmar que *Balada de Amor ao Vento* representa uma inovação na literatura moçambicana do período pós colonial, pois destaca o cotidiano do imaginário feminino moçambicano, mostrando o incômodo sentido pelas mulheres em relação ao casamento, a poligamia, ao adultério, enfim, essa abordagem sobre a condição de submissão feminina abre destaque em um meio social em que os limites da mulher estão definidos pela sociedade tradicional moçambicana.

E ainda, com base nos estudos e na análise do romance, podemos dizer que Paulina Chizine mostra um Moçambique que mantém muitos aspectos tradicionais em relação à postura tanto do homem quanto da mulher em sociedade, o que nos permitiu observar que a mulher, nesse caso, sofre muito com a questão dos costumes e tradições que definem uma sociedade patriarcal, pois em muitas situações é vista como objeto de realização dos desejos masculinos.

Podemos salientar que a obra da referida autora contribuiu para a consolidação de uma literatura moçambicana, pois é possível observarmos o resgate da tradição oral dotada de lendas e crenças populares que enchem a narração de plasticidade; uma marca nacionalista que ressalta o compromisso de valorização de uma literatura nacionalista; discussões reflexivas sobre temas que envolvem as relações de poder com destaque nos conflitos sociais vivenciados pelas mulheres moçambicanas e o poder da voz feminina.

Desta forma, o romance *Balada de Amor ao Vento* é uma forma de recontar a história do país moçambicano sobre a ótica da mulher, iniciando um novo tempo da literatura africana e moçambicana escrita por mulheres.

SARNAU: The condition of female submission in “Balada de Amor ao Vento”

ABSTRACT

The female condition is one of the perspectives that materialized literary writing Paulina Chiziane the corresponding its construction project of modernity based on Mozambican tradition. The work *Balada de Amor ao Vento*, which tells the love story between Sarnau and Mwando from youth to maturity, focuses on the issue of the condition of submission of women in Mozambique, which enables discussion of other targeted topics for the feminine universe in the country, such as polygamy, monogamy, traditional beliefs and Catholicism, as regards the cultural relations and social that have divided between tradition and modernity. We aim to develop an analysis about the condition of female submission in the novel *Balada de Amor ao Vento* (2003) the writer Pauline Chiziane through discourse of the narrator, Sarnau. Paulina Chiziane develops this work a plot driven first-person by a character that

organize the narration allowing for cycles a vision the feminine universe in Mozambique, in which women are oppressed and submissive, however, what we see is that the character oscillates posture during the narrative, in other words, at times is submissive and at other times not. The love story between Sarnau and Mwando represents cultural strains, religious and political Mozambican society, insofar as it allows a reflective reading of condition and the role of women which are connected social and cultural structure a patriarchal country and that still reflects the consequences of colonization. Is still reasonable to assert that the writer makes it possible, through literature, the emergence of reflective thoughts about the condition of women in the Mozambican country. The theoretical support of this work is based on research bibliographic of scholars such as Gilberto Matusse (2010), Simone Beauvoir (1980), Inocência Mata (2000), Lília Momplé (1999), among others.

Keywords: Women's condition; Love Ballad of the Wind; Sarnau.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1980, 2v.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte:UFMG,1998.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

CHIZIANE, PAULINA. (1992) “Eu, mulher, por uma nova visão do mundo...”. In AFONSO, ANA ELISA DE SANTANA (Org.).**Eu mulher em Moçambique**. Moçambique: UNESCO e AEMO.

CHIZIANE, Paulina.“**Ser escritora é ma ousadia!!!**”. Entrevista ao *Maderazinco*. Disponível em: <http://www.maderazinco.tropical.co.mz>. Acesso em: Maio de 2014.

IBGE. **Censo Demográfico 2014**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php?fips=MZ>. Acesso em: Novembro de 2014.

LARANJEIRA, PIRES. (1995) **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MATA, Inocência. **Paulina Chiziane**: uma coletora de memórias imaginadas. In: *Metamorfoses 1*. Rio de Janeiro: Cosmos, 2000, p.135-142.

MATUSSE, Gilberto. **A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mota**. Revista *África e Africanidades* – ano 3 – n. 10, agosto, 2010 – ISSN 1983- 2354. www.africaeaficanidades.com.br.

MOMPLÉ, Lília. A mulher escritora e o cânone. In: MÃO-DE-FERRO, Ana Maria (org). **A mulher escritora em África e na América Latina**. Évora: Editorial Num, 1999.

ROSÁRIO, Lourenço do. **Moçambique**: história, culturas, sociedade e literatura. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ZUCULA, Carmem Medeiros. Aspectos sócio-culturais relacionados com a frequência escolar das raparigas em Moçambique”, in **Eu Mulher em Moçambique**. 1992, p. 203.